

## **Joaquim Naegele: a voz dos subalternos ressoando de uma banda de música em Nova Friburgo (RJ)**

---

Daniel Daumas Borges  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Resumo:** O presente artigo, oriundo de nossa pesquisa de mestrado defendida no PPGM-UNIRIO em 2015, tem por objetivo apresentar a figura do maestro Joaquim Naegele, atuante na Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense entre 1925 e 1945, e discutir sua atuação enquanto intelectual orgânico das classes subalternas existentes em Nova Friburgo durante o período. Para isto, realizamos um levantamento acerca das sociabilidades locais, desde a fundação das bandas de música, a partir da segunda metade do século XIX, até a chegada de Naegele, dando especial atenção aos entrelaçamentos existentes entre a pesquisa histórica e a escrita etnográfica. A atuação de Naegele extravasara o campo estritamente musical, figurando nos eventos esportivos que congregavam as classes subalternas assim como no engajamento e militância política. Por sua posição de destaque na sociedade friburguense, sendo o maestro da Campesina, vemos em Naegele um porta-voz dos subalternos, capaz de realizar a interlocução entre as demandas desta classe com as possibilidades oferecidas pelas elites municipais.

**Palavras-chave:** Joaquim Naegele. Subalternidade. Campesina Friburguense. Nova Friburgo. Banda de Música.

---

### **Joaquim Naegele: the voice of subaltern from a symphonic band in Nova Friburgo-RJ**

**Abstract:** This article come from our Master thesis defended at PPGM-UNIRIO in 2015, aims to present the figure of the maestro Joaquim Naegele, active in the Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense between 1925 and 1945, and discuss his role as an intellectual organic of the subaltern classes existing in Nova Friburgo during the period. For this, we conducted a survey about local social, from the foundation of the music bands, from the second half of the nineteenth century until the arrival of Naegele, paying particular attention to existing entanglements between historical research and ethnographic writing. Naegele's performance surpasses the strictly musical field, appearing in sporting events that congregated the subaltern classes as well as the engagement and political activism. For its leading position in Nova Friburgo society, being the maestro of Campesina, we see Naegele a spokesman of the subaltern, able to perform the communication between the demands of this class with the possibilities offered by local elites.

**Key-words:** Joaquim Naegele. Subalternity. Campesina Friburguense. Nova Friburgo. Symphonic Band.

Neste artigo, pretendemos apresentar a figura do maestro Joaquim Antônio Langsdorff Naegele, nascido no dia 02 de Junho de 1899 e falecido no dia 03 de março de 1986. Natural de Cantagalo, cidade próxima à Nova Friburgo, Naegele tivera contato com a música desde cedo, por meio da banda de música existente no distrito onde morava. Seu contato com as questões políticas de seu tempo só viria a ocorrer quando de sua mudança para Nova Friburgo, convidado a assumir a regência da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense. A Campesina vale ressaltar, era e é ainda conhecida como uma "instituição de confissão republicana", já que sua fundação remonta aos tempos do império. Este alinhamento aos republicanos, no período imperial, e sua aproximação às classes operárias e subalternas do município, que começam a se formar a partir de 1911, acabaram por conduzir a Campesina a se tornar o lócus para o qual se congregavam os subalternos e aqueles que vislumbravam ter voz e poder assim falar por esses subalternos.

Nosso trabalho, que classificamos como uma etnografia histórica está baseada na premissa de que "os atuais estilos de descrição cultural são historicamente limitados e estão vivendo importantes metamorfoses" (CLIFFORD, 2002:20), inclusive

em relação à discussão acerca do olhar etnográfico, ou mais especificamente sobre o modo pelo qual o olhar do nativo é absorvido quando a prática etnográfica parte não mais somente dos países centrais, mas também dos etnógrafos dos países periféricos, como analisa Carvalho (2001). De todo modo, "deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual" (CLIFFORD, 2002:21). Com os debates e a crescente politização em torno da disciplina, "pôde ser sustentado o argumento de que o nativo constrói sua alteridade segundo o modo em que retruca, de um lugar subalterno, o olhar do colonizador sobre si" (CARVALHO, 2001:111). Como somos nós mesmos oriundos desse universo das bandas de Nova Friburgo, ou seja, também os nativos, torna-se ainda mais complexa a trama pela qual tentamos construir nosso próprio olhar acerca do objeto que, para nós, é tão subjetivamente constitutivo quanto objetificado enquanto foco de pesquisa.

A ideia de se utilizar dessa premissa de falar pelo outro, pelos sem voz, deve ser observada levando-se em conta o fato de que "as tomadas de posição em relação ao 'povo' e ao 'popular' dependem, na sua forma e conteúdo, dos interesses específicos ligados

primeiro ao fato de se pertencer ao campo de produção cultural e em seguida à posição ocupada no interior desse campo” (BOURDIEU, 1990:182), ou seja, tanto a atuação de Naegele quanto a de seus companheiros de Partido Comunista deve ser analisada considerando-se a posição dos mesmos na estrutura interna do partido que então se organizava no município, e também nas esferas de convívio social mais diretamente frequentada por eles. Como bem coloca Clifford (2002), ao discorrer acerca dos antropólogos mais hermenêuticamente sofisticados, é necessário que exista uma relação entre o texto e o “mundo”, em nosso caso, na dupla tarefa de compreender esta relação entre os textos acerca de Naegele e seu “mundo de então”, e nosso próprio texto, que busca compreender este mundo específico, sabendo que “um mundo não pode ser apreendido diretamente; ele é sempre inferido a partir de suas partes, e as partes devem ser separadas conceitual e perceptualmente do fluxo da experiência” (CLIFFORD, 2002:40). O que se estabelece aqui é a compreensão de que no trato dessas experiências, a de Naegele em sua atuação político-artístico-cultural e a nossa própria, enquanto leitores-etnógrafos em busca das experiências embutidas por detrás das vozes e dos silêncios que emanam de nossas fontes,

“as palavras da escrita etnográfica [...] não podem ser pensadas como monológicas, como a legítima declaração sobre, ou a interpretação de uma realidade abstraída e textualizada” (CLIFFORD, 2002:44).

O papel de Naegele a frente da Campesina e como porta-voz das bandeiras comunistas “aparecem assim como expressões transformadas [...] de uma relação fundamental com o povo, que depende tanto da posição ocupada no campo dos especialistas [...] quanto da trajetória que conduziu a essa posição” (BOURDIEU, 1990:183), e é exatamente este processo de expressões transformadas na trajetória de Naegele que nos leva a caracterizá-lo como um intelectual orgânico, tal qual nos descreve Gramsci (1991), nascido da própria necessidade de classe a qual ele estava vinculado por conta do convívio dentro da banda Campesina. São de fundamental importância para se analisar as condições e possibilidades de Naegele na sociedade friburguense, as considerações de Spivak (2010), que ao discutir as chances que tem o subalterno de falar, questiona toda uma gama de arcabouço teórico produzido pelo Ocidente, contribuindo assim para um questionamento macro e complexo, que aplicado a nossa pesquisa especificamente nos gera inquietantes considerações: quando

buscamos caracterizar Naegele como um porta-voz dos subalternos, estaríamos dando a ele uma posição externa à condição subalterna – afirmando que ele teria sim impacto na sociedade friburguense, e nesse caso, não seria de todo um subalterno, pois poderia falar – ou então, estaríamos o caracterizando como uma das figuras do processo de luta contra-hegemônica do município, que ao fim não poderia alcançar essa possibilidade de fala? Tanto num caso como no outro, acabamos por concordar com Spivak (2010), quando a autora conclui sobre a impossibilidade do subalterno falar, ao menos quando se trabalha inserido numa lógica do Sujeito hegemônico ocidental.

Para melhor compreendermos os embates ideológicos e a atmosfera cultural friburguense quando da chegada de Naegele é importante nos debruçarmos sobre a produção historiográfica existente acerca do município, assim como discutir o papel das bandas de música ainda em fins do século XIX, a partir da fundação das mesmas. Afinal, “uma ‘cultura’ é, concretamente, um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não-membros, de diversas facções” (CLIFFORD, 2002:49).

## **A Friburgo de fins do século XIX até a chegada de Naegele: cultura e sociedade**

Nova Friburgo é uma cidade localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, de clima ameno e com uma rica história. Instituída por decreto real de Dom João VI em 1818, a cidade traz ainda hoje os brios de ser uma cidade diferenciada em relação a grande maioria dos municípios brasileiros; como o decreto instaurava o assentamento de uma colônia de suíços essa relação nos primórdios de formação com a nação Suíça servira para a posterior criação do que o historiador João Raimundo de Araújo denominou como “mito da Suíça Brasileira”. A criação desse mito servira às elites locais como um modo de cristalização de um determinado tipo de imagem para o município, imagem para a qual seria crucial se apaziguar ou diminuir o permanente processo de mudança, o que para Nora (1993) é o que caracteriza a memória, e se exaltar a história, “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe” (NORA, 1993:9), ou no caso específico, do que não existe da maneira pela qual buscaram apresentar os fatos.

O uso do termo “mito” se justifica por alguns elementos discutidos por Araújo (2003); o primeiro deles diz respeito ao fato de que, quando do início da propagação dessa

visão acerca da cidade, como a “Suíça Brasileira”, os componentes suíços na sociedade friburguense eram irrelevantes, em grande parte porque ao chegarem à vila, em 1820, boa parte das famílias suíças não encontraram terras propícias, o que os fizeram abandonar a região e se espalhar para outras áreas do Estado do Rio; a existência prévia de residentes portugueses, negros e brasileiros, antes da chegada dos suíços, também explica em alguma medida a adoção dessa visão da cidade como uma cidade suíça ser algo mais mitológico do que próximo da realidade.

A presença europeia realmente relevante no município foi a de colonos alemães, em dois afluxos, um primeiro ainda no século XIX, fundando inclusive a primeira igreja luterana do Brasil, e a segunda e mais importante para a constituição e consolidação do mito, no início do século XX. Esses alemães do segundo afluxo tiveram um papel central nos rumos de toda a história municipal posterior, sendo os responsáveis pelo precoce processo de industrialização do município, em relação ao restante do país. Araújo (2003) destaca que já em 1911, um dos industriais alemães – Julius Arp – consegue a concessão do fornecimento de energia elétrica do município, o que coloca ele e seu grupo de associados na condição de

controlar a instauração ou não de indústrias no município, já que o mesmo poderia negar o fornecimento, o que inviabilizaria a instauração de uma fábrica. Isto foi possível devido à articulação estabelecida entre estes industriais alemães com chefes políticos locais.

Para além do campo puramente econômico, “a industrialização de Nova Friburgo foi, antes de mais nada, o resultado de tramas políticas, de lutas no interior das elites locais em confronto na busca de hegemonia no âmbito do município” (ARAÚJO, 2003:61). Aliado aos industriais alemães era de interesse dos chefes políticos estabelecer uma disciplinarização da população trabalhadora, no sentido de se fazer com que acreditassem viver numa cidade ordeira, afeita ao trabalho e a manutenção das normas. Fazemos tal afirmação baseados na compreensão de que

os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 2003:10).

O fato de se utilizar a relação com a Suíça, apesar de efetivamente sua contribuição não ter sido muito grande, e não com a Alemanha, de onde adveio uma influência mais significativa, se justifica ao se observar um quadro mais amplo. Ao se comemorar o centenário da assinatura do decreto de Dom João, em 1918, os políticos e industriais responsáveis pela construção do mito se encontravam diante de um impasse: como destacar as características europeias do município ligando-o à Alemanha, recém-terminada a Primeira Guerra Mundial? A animosidade que ficara instaurada nos brasileiros em relação à Alemanha inviabilizava a utilização da imagem de tal país, desta forma Araújo (2003), assim como Costa (1997), afirma que a solução encontrada então foi a de relacionar o município à neutra Suíça, utilizando a ligação inicial da colonização helvética, de modo que a imagem de uma cidade branca, europeia, baseada no trabalho livre e assalariado, estaria assegurada.

Algumas décadas antes da chegada destes industriais alemães, ainda no século XIX, Nova Friburgo já contava com algumas bandas de música. A primeira a ser fundada foi a Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, em 26 de Fevereiro de 1863; esta banda teve como primeiro maestro o português Samuel Antônio dos

Santos e como primeiro presidente o barão de Nova Friburgo. Devido a sua ligação com a monarquia, exemplificada pela presença do barão na presidência da banda, a Euterpe se negava a tocar durante os comícios republicanos que ocorriam no município; isto teria aborrecido alguns músicos que, junto ao major Augusto Marques Braga, fundaram em 6 de Janeiro de 1870 a Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, uma "instituição de confissão republicana" – dizer até hoje ostentado em sua sede. Ao longo das últimas décadas do século XIX e início do XX outras bandas existiram no município, como se atesta em notícias de periódicos do período e em trabalhos como o de Botelho (2006), que trabalhando com essas fontes do período, atestou a existência de outras bandas além da Euterpe e da Campesina. Tais bandas, no entanto, não tiveram uma sobrevida tão intensa quanto a Euterpe e a Campesina, que funcionam ininterruptamente desde sua fundação aos dias atuais.

Corrêa (2008), trabalhando com periódicos de fins do século XIX identificara a presença, segundo as palavras dos articulistas de então, de "vagabundos", ex-escravos e migrantes de outras regiões do país, cuja existência incomodava as elites políticas e econômicas do município, o que fica evidente nos discursos dos articulistas dos periódicos que

demandavam uma posição por parte do poder público, em relação à “baderna” e constrangimento que tais elementos geravam. A presença deste contingente marginalizado ainda em fins do século XIX nos auxilia no sentido de adicionar mais um elemento de atração desses alemães interessados em instalar suas indústrias; a possibilidade de ser integrado socialmente através de um emprego formal nas fábricas do município seria utilizado por esses industriais como forma de controlar esse contingente, inclusive no que tange a oferta de baixos salários e repressão de movimentações grevistas.

As bandas de música e, por razões ideológicas de exaltação da ideia republicana, em especial a Campesina serviriam desde sua fundação como ponto de encontro, de sociabilidade para boa parte dessa população marginalizada em outros ambientes no município, já que “as diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses” (BOURDIEU, 2003:11), o que na Nova Friburgo de então tinha como um de seus pontos originários de luta as bandas de música. Emrich (2007), pesquisando acerca dos pontos de sociabilidade nos quais se realizavam os encontros da classe trabalhadora friburguense em formação,

destaca a criação do clube de futebol Esperança, por parte da classe operária e de outros profissionais subalternos, como ponto central dos encontros da classe popular. A relação entre a banda Campesina e este clube de futebol ligado aos operários fica clara já nos festejos de aniversário do clube, ocorrido em 1915, pois o local escolhido para a comemoração seria justamente a sede da Campesina; “o 1º *team* veio então até a sede da Sociedade Musical Campesina [...] onde foi lido pelo sr. Hermanno Bastos um belo discurso [...] cuja leitura foi terminada [...] ao som de um dobrado executado pela Campesina” (EMRICH, 2007:99).

A proximidade entre a Campesina e as camadas populares pode ser ainda mais ressaltada ao analisarmos as relações de então que sua coirmã e rival Euterpe travava. Assim como a classe operária tinha o Esperança como clube de futebol que representava um local de encontro e sociabilidade, a elite econômica ligada as fábricas também possuíam o seu clube, o Friburgo Foot-Ball Club. Integrado pelos diretores, proprietários e filhos destes, em sua esmagadora maioria de origem alemã, as partidas disputadas por este clube tinham também seus eventos sociais para além da prática futebolística, pois, depois do término de uma partida em que se saíra vencedor contra uma

equipe visitante, “como era de costume, houve uma grande festa após a partida, contando com a participação da Banda de Música Euterpe” (EMRICH, 2007:95). Ou seja, num evento ligado à elite friburguense a convidada a se apresentar é a Euterpe, enquanto que nos festejos ligados a classe operária é a Campesina a banda envolvida nas festividades. Tais fatos não devem ser encarados de modo tão simplista, como Campesina-popular versus Euterpe-elitista, no entanto, nos servem como um indicativo precioso acerca da dinâmica social que cercava as bandas neste conturbado período de consolidação da industrialização friburguense e definição e disseminação do mito.

Para compreendermos a atuação das bandas neste período posterior à implantação da industrialização, é necessário voltarmos algumas décadas no tempo para estabelecer os usos e locais onde se poderiam encontrar as bandas na *belle époque* friburguense. Corrêa (2008) fornece valiosas informações sobre o período, utilizando como fonte primordial os periódicos “O Friburguense”, “A Sentinella”, “A Paz” e “A Lanterna”; a existência de muitos periódicos era uma característica do período, ainda que boa parte do acervo não tenha sido preservado.

Nova Friburgo se tornara em fins do século XIX a segunda opção para as elites

cariocas durante o verão, ficando atrás somente de Petrópolis. Este afluxo de turistas, que ficavam durante quase seis meses, modificara a estrutura e as características do município, inclusive em relação ao comportamento que as elites locais adotavam. De todo modo, “a elite friburguense tinha o hábito de viajar para a Europa [...] [e] compartilhando a sociabilidade mundana da elite carioca, os friburguenses conheceram melhor as etiquetas sociais” (CORRÊA, 2008:347). Este contato da elite friburguense com a Europa fica evidente nos termos e estrangeirismos que se encontravam corriqueiramente nos periódicos, tendo inclusive artigos inteiros escritos em francês, além das reuniões e bailes organizados pelos membros da elite, chamadas de *soirées*.

Nestas *soirées* “as senhoras amadoras [...] executavam peças musicais ao piano e ao violino, mas era de bom-tom também contratar músicos profissionais” (CORRÊA, 2008:353). Mas em que local eles poderiam encontrar esses músicos? Numa edição de “O Friburguense” de 02/07/1893 o balancete de gastos de um dos saraus foi publicado; nele encontramos a informação de que foram gastos – num sarau para duzentos convidados – 500 mil réis com o salão e o bufê e 100 mil réis com a Sociedade Musical Campesina. A partir desta informação podemos

perceber, por um lado de que maneira essa elite conseguia organizar seus eventos com música, e por outro de quais modos as bandas conseguiam financiar sua própria existência, no que tange a manutenção da sede, aquisição e manutenção de instrumentos etc., porque neste período os músicos que integravam as bandas em Friburgo não poderiam ser classificados como músicos profissionais nos mesmos termos que utilizamos atualmente.

A presença desses músicos que então compunham a Campesina nesses eventos da elite friburguense nos fornece margem para algumas análises; a primeira delas nos coloca diante da seguinte questão: sendo, em sua maioria, membros das classes marginalizadas do município, de que maneira eram recebidos esses músicos nos eventos da elite? Compreendendo tais músicos como detentores de uma cultura popular, baseando-nos numa visão tradicional do que se depreende do que seja uma cultura popular, como o exposto por Chartier (1995), acabamos por encontrar alguns problemas. A ideia de se caracterizar como popular um determinado tipo de produção cultural de acordo com o seu público já não poderia se encaixar aqui propriamente, pois ainda que os produtores nesse caso advenham das camadas populares, seu público é justamente o oposto; a ideia de definição da cultura popular

por contraste com a erudita, dominante, também não poderia nos servir inteiramente, dado que neste caso em particular o que temos é a produção de um bem cultural, a música para animar os bailes da elite, que é apreciado e recebe investimento por parte da elite friburguense; e por fim a última ideia exposta por Chartier, de que "as expressões culturais podem ser tidas como socialmente puras e, algumas delas, como intrinsecamente populares" (CHARTIER, 1995:183), não nos deixam completamente satisfeitos, já que tanto se considerar uma expressão popular como socialmente pura como quanto caracterizar esta expressão cultural de uma banda como a Campesina num baile da elite como algo intrinsecamente popular, são proposições altamente questionáveis. Podemos concluir então que o que era apreciado pelas elites nos músicos da Campesina era sua capacidade de lhes fornecer um entretenimento ligado diretamente à cultura da própria elite, ou seja, de realizarem uma circularidade cultural nos moldes da descrita por Ginzburg (2006), onde indivíduos oriundos da cultura popular travam contatos com a cultura erudita, dela se apropriando e devolvendo aos membros da elite a sua cultura dominante sob uma ótica diferente.

Desse contato empreendido entre as elites friburguenses e os músicos

oriundos das classes populares vemos que “nessas *soirées*, em que se exibiam poder e distinção social, elegantes moças e rapazes doudejavam ao som de valsas e quadrilhas americanas e francesas, executadas pela banda “Campesina” (CORRÊA, 2008:354). Enquanto os membros da elite aproveitavam tais eventos para ostentar sua riqueza, além do evidente caráter de entretenimento, para os músicos da Campesina era a oportunidade de demonstrarem suas habilidades em relação ao domínio do repertório apreciado e julgado adequado por este público da elite local. Além deste exemplo, encontramos outro acerca de que tipo de repertório era apreciado pelas elites, já que “era comum o concerto nas *matinês*, realizadas aos domingos, [...] com a audição de seletos programas [...] [no qual] tocavam *romanzas* de Aida, Gioconda e canções de Rigoletto” (CORRÊA, 2008:357). Esta valorização de um repertório nitidamente centrado na música erudita europeia é compreensível quando analisamos todo o entorno cultural que vivenciava o município, com a elite local investindo num modo de vida o mais europeu possível, inclusive com a utilização da língua francesa em seus momentos de sociabilidade, menus que eram servidos em seus eventos e diversos artigos em seus periódicos, comportamentos que eram valorizados também

pelos turistas cariocas que, durante sua estadia, aproveitavam este “clima europeu”, atmosférico e cultural.

Esta característica de se incluir vários números de trechos de ópera – em sua esmagadora maioria italianas, ou com uma estética próxima, como as de Carlos Gomes – que já se faz presente em fins do século XIX, como nós podemos averiguar pelos periódicos da época, vai se prolongar até pelo menos a primeira metade do século XX. Realizando um levantamento acerca do repertório que era executado pela Euterpe, Botelho (2006) concluiu a partir de alguns programas encontrados nos arquivos da banda, assim como em diversos periódicos, o fato da maciça presença de trechos de ópera, com enorme destaque para obras de Verdi e de Carlos Gomes, principalmente nos programas até a década de 1950. A partir dos anos 1950 este repertório vai caindo em desuso, sendo substituído, sobretudo por músicas advindas da música popular e de rádio, músicas essas que eram adaptadas e arrançadas pelos próprios maestros das bandas, pratica muito comum dentro do universo das bandas.

Mas nem só de atividades ligadas à música viviam as sociedades musicais em Nova Friburgo. Botelho (2006) encontrara, entre as correspondências arquivadas na Euterpe, inúmeras referências a

cursos livres de dramaturgia oferecidos na sede da banda; outras atividades artísticas, como aulas de dança no salão social da banda, também faziam parte do grupo de atividades realizadas na Euterpe ao longo de sua história, para além das atividades ligadas a execução musical. Tais práticas de se oferecer outros bens artístico-culturais nas bandas de música ainda podem ser encontradas atualmente, com destaque maior, no entanto, para a prática da dança, em detrimento da dramaturgia, que outrora teria ocupado um significativo papel dentre as atividades das sociedades musicais friburguenses. A incursão em vários empreendimentos artísticos de linguagens diferentes, por parte das sociedades musicais, nos parecem exemplificar a ideia de que “o campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (...) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção” (BOURDIEU, 2003:12).

Para se mensurar a importância atribuída às artes dramáticas em Nova Friburgo em fins do século XIX, e sobretudo a destacada atuação das sociedades musicais neste processo de valorização, precisamos nos deter num fato específico, a fundação do

Teatro Dona Eugênia. O projeto inicial de construção de um teatro em Nova Friburgo, que seria destinado prioritariamente às artes dramáticas, partira não de algum grupo específico da elite, mas da Sociedade Musical Campesina. Interessante se destacar a função para a qual a Campesina estaria destinando seu projeto, já que “além da música, essa sociedade objetivava oferecer aulas de artes dramáticas aos seus associados, o que resultou na construção do que viria a ser o Teatro Victor Hugo” (CORRÊA, 2008:360). A mudança do nome inicial que o teatro receberia ocorrera por conta das dificuldades financeiras que a Campesina enfrentara no decorrer do projeto, o que fizera com que ela vendesse o prédio já em obras para um rico fazendeiro de uma cidade vizinha, Sumidouro, que acabou por batizar o teatro com o nome de sua esposa. Corrêa (2008) enxergara na realização de tal investimento por parte do rico fazendeiro como um claro exemplo do destacado papel que o turismo em Nova Friburgo desempenhava na economia local, já que a Campesina realizara a venda impondo a cláusula de que tal prédio teria como única destinação as artes dramáticas, o que fora aceito pelo comprador. Longe de ser uma atitude de um benemérito das artes, tal compra demonstra o fato de que haveria a expectativa por parte do comprador de um público que

demandaria este tipo de serviço no município.

O fato de tal projeto ser advindo logo da Campesina, a banda que historicamente congregava entre seus quadros de músicos indivíduos marginalizados e membros das classes populares no município, nos deixa diante de uma interessante reflexão. Conceber a Sociedade Musical Campesina como a banda onde se congregavam as classes populares não deve nos iludir a ponto de imaginar que todo o quadro que compunha a banda, do arquivista ao presidente, era oriundo das classes populares marginalizadas, décadas mais tarde empregadas nas indústrias alemãs. O próprio major Augusto Marques Braga, um dos destacados nomes dentre os fundadores da Campesina, fazia parte da elite econômica do município. Qual seria então a diferença nas origens entre a Campesina e a Euterpe? Ainda que ambas tivessem membros da elite local dentre seus diretores e presidentes, a visão através da qual as bandas atuavam eram diferentes; a Euterpe não fazia questão de atender a um público considerado popular, tanto em seus quadros de músicos e sócios, quanto em suas apresentações públicas de música e de outros serviços artísticos como apresentações de peças teatrais etc.; no caso da Campesina o foco de atuação, no que tange ao público de suas apresentações musicais e de demais atividades

artísticas, congregava as outras camadas da sociedade friburguense que eram ignoradas em outros aspectos, ainda que fazendo com que tais públicos se aproximassem dos valores e gostos da elite, como vimos no caso da escolha do repertório a ser executado nas apresentações musicais da banda.

Era então especificamente dentre os quadros que compunham os músicos e sócios da Campesina que se realizava um trabalho que nos parece diferir do realizado pela Euterpe. Botelho (2006) levantara as correspondências trocadas entre a banda Euterpe e a sociedade friburguense, e a grande maioria delas tratavam de pedidos de realizações de apresentações pela banda – nos mais variados eventos, sempre partindo de instituições e membros da elite municipal – e de felicitações de aniversário e demais fatos comemorativos a determinados indivíduos por parte da banda. Não se encontram entre tais correspondências, no entanto, referências quanto ao trabalho interno que se realizava pela banda, ao menos não antes da década de 1970 do século XX. O crescimento da participação dos subsídios municipais na manutenção das bandas acompanhou um incremento no detalhamento de suas atividades para a sociedade como um todo, ou seja, passava-se a anexar a um pedido de subvenção municipal

um relatório das atividades oferecidas pelas bandas, no aprendizado da prática musical de diversos instrumentos. Em fins do século XIX não encontramos este tipo de preocupação da Euterpe para com o seu quadro de músicos, como encontramos em relação à Campesina no caso desta iniciativa de se construir um teatro onde se ofereciam aulas para seus sócios, grande parte deles indivíduos das classes populares.

A que poderíamos atribuir este tipo de preocupação por parte da diretoria da Campesina em relação a seu quadro de membros, aparentemente inexistente no caso da Euterpe? Sendo grande parte de seus membros detentores de uma cultura popular, era imperioso possibilitar aos seus quadros uma aproximação com a “alta cultura”, de modo que eles pudessem também desfrutar das experiências e bens culturais que eram reservados as elites friburguenses. Corrêa (2008) encara a inauguração de um teatro em Nova Friburgo, assim como o fato de se haver realizado um projeto vislumbrando especificamente a construção deste teatro, como uma evidência da busca que se empreendia em Nova Friburgo de se constituir um tipo de sociedade “civilizada” nos moldes das cidades europeias, cidades essas sempre visitadas pelos membros da elite econômica e política do município. Este

empreendimento não seria, no entanto, a porta de entrada para esta instauração de um circuito cultural no município, já que, como destaca a própria Corrêa, “antes mesmo de o D. Eugênia ser inaugurado, há registro de que Nova Friburgo já recebia algumas companhias líricas” (CORRÊA, 2008:360), que se apresentavam nos salões dos grandes hotéis que existiam no município, assim como nos espaços públicos como a câmara municipal.

A hipótese de Corrêa (2008) em relação à construção do teatro nos parece válida, mas acaba por desconsiderar, citando somente de passagem, a finalidade inicial para a qual a Campesina estaria destinando a construção de tal prédio. O projeto inicial da Campesina visava construir este espaço no intuito de oferecer condições adequadas para a realização de aulas de artes dramáticas para seus associados. Evidente que toda a diretoria da Campesina envolvida no projeto estava ciente das possibilidades comerciais que a existência deste teatro poderia ocasionar, mas nos parece relevante este objetivo principal de se construir um local que propiciaria um tipo determinado de serviço aos seus sócios prioritariamente, qual seja, as aulas de artes dramáticas. Grande parte de seus sócios, no caso os músicos – chamados de sócios prestantes no estatuto da banda – que não teriam a chance de travar maior contato com a “alta cultura” em seu

cotidiano, devido a seu posicionamento dentro da sociedade friburguense, iriam dispor de uma oferta de um bem cultural, além do que eles já desfrutavam na convivência cotidiana que tinham na banda, com um repertório eminentemente erudito, com o qual eles eram familiarizados ao tocarem na banda.

Esta preocupação com a formação cultural de seus componentes por parte da diretoria da Campesina, aparentemente inexistente no caso da Euterpe neste período de fins do século XIX, pode ser um reflexo dos ideais que impulsionaram a fundação da própria banda. O ideal de igualdade republicana dos cidadãos pode ter sido o motor que conduziu seus presidentes e diretores no sentido de propiciarem a seus músicos, além de uma banda onde poderiam aprender a tocar e a desenvolver uma interação com o repertório musical erudito, também uma formação cultural mais ampla e rica, envolvendo outras manifestações artísticas além da musical. Longe de se procurar discutir a validade e viabilidade ou não de tais ideais de igualdade republicana, é interessante se discutir o papel de tais ideais na relação que a Campesina estabelecia com a sociedade, tanto seus sócios como o público que acompanhava suas apresentações, tanto as pagas, nas *soirées* da elite, quanto às das manhãs de domingo nos coretos das praças e nos

eventos da classe trabalhadora. Sendo a Euterpe uma banda ligada à monarquia e às elites agrário-econômicas do município, seria quase que natural que não houvesse por parte da diretoria desta banda uma preocupação com a formação cultural de seus sócios.

### **A vida e atuação de Joaquim Naegele em Nova Friburgo: dos anos vinte até a repressão no Estado Novo**

A chegada de Joaquim Naegele na cidade, convidado a assumir a regência da Campesina Friburguense, traria um impacto que ultrapassaria o campo estritamente musical, delimitando de modo ainda mais incisivo o posicionamento que a banda teria nos anos posteriores ao ingresso de Naegele como regente. Vindo de Cantagalo, município próximo à Nova Friburgo, Naegele já trazia consigo certa fama como regente da banda de seu município de origem, o que provavelmente motivara os diretores da Campesina a convidá-lo para assumir a frente da banda. Os relatos que foram construídos deste primeiro encontro de Naegele com a banda dão conta de que para sua efetivação, foi-se realizado um teste por parte dos músicos da banda, que intencionalmente tocaram alguns trechos de dobrados trocados, como o bombardino fazendo a parte do trombone etc. Naegele não estava

informado sobre estas trocas, e tão logo a banda começara a executar o dobrado, ele notou que algo estava fora do habitual e identificou quais músicos estavam com as partes trocadas. Essa rápida percepção por parte de Naegele em relação à troca das partes entre os músicos impressionara a todos, selando definitivamente sua posição como maestro da Campesina<sup>1</sup>.

Nascido em 02 de Junho de 1899, filho de descendentes de alemães e suíços, Naegele viveu até sua mudança definitiva para Nova Friburgo em Santa Rita do Rio Negro – hoje renomeado Euclidelândia -, distrito do município de Cantagalo, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Iniciando seus estudos musicais na banda de música local, em pouco tempo começara a se interessar pela regência e composição de peças para banda. Em entrevista realizada com um sobrinho de Naegele<sup>2</sup> recebemos a informação de que tanto ele

quanto os irmãos foram autodidatas em relação aos estudos (primário, secundário etc.), e que teriam sido alfabetizados pela mãe.

Ao confrontarmos esta informação com a pesquisa realizada nos arquivos da hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos algumas divergências. A primeira delas é relativa à provável posição social da família Naegele; constam, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX algumas referências a escrivães, supervisores de ensino (um cargo próximo do que atualmente seria um diretor de escola), comerciantes e demais ocupações com maior destaque dentro da sociedade cantagalense. A constância de citações de membros da família Naegele entre as notas sociais publicadas nos periódicos, assim como a referência a viagens realizadas, nos leva a crer que tal família tinha relativo destaque no convívio social do município. Outro ponto que nos indica a probabilidade de que o maestro Naegele e seus irmãos tenham tido ao menos algum grau de educação escolar formal são a grande quantidade de resultados que encontramos ao pesquisarmos o período entre 1910-1919, no qual a revista "O Tico-Tico" registra 53 ocorrências somente de Joaquim Naegele. Ao ampliarmos a busca para toda a família Naegele as ocorrências saltam para 483. Esta revista

<sup>1</sup> Este relato não possui qualquer fonte verificável além do próprio relato oral dos músicos mais antigos da banda, tendo a maioria desses músicos inclusive, já ouvido este relato da geração anterior de músicos da banda, o que deixa tal episódio aberto tanto a possibilidade de ser um fato ocorrido tal e qual descrito, quanto uma narrativa posteriormente construída e reconstruída, a fim de se estabelecer uma "origem mitológica" para o contato inicial entre Naegele e a Campesina.

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 02 de Setembro de 2014, no município de Cantagalo.

parece ser destinada ao público infanto-juvenil da época, consistindo de jogos, desafios e questionários, aos quais os leitores deveriam resolver e enviar suas respostas pelo correio para a revista. Os leitores que enviavam as respostas tinham seus nomes publicados na edição seguinte, e assim temos esta grande quantidade de envios de Joaquim Naegele ao longo de todo este período.

Este aspecto relativo à formação acadêmico-escolar de Joaquim Naegele e seus irmãos pode ter sido transmitido de maneira difusa ou rarefeita aos seus filhos, o que fizera com que seu sobrinho nos informasse durante a entrevista que eles não tiveram acesso a educação formal. A incidência tão grande de membros da família em posições inclusive ligadas a escolarização formal, como o supervisor de ensino, assim como a precocidade, em relação à época em que estamos lidando – o início do século XX, infância e juventude de Joaquim Naegele – com que eles se envolveram com a prática da leitura e da escrita nos leva a concluir que tiveram sim, uma educação formal escolar. Um dos irmãos de Joaquim, José Naegele, pai de nosso entrevistado, exerceu o jornalismo a maior parte de sua vida, tendo também envolvimento com a música por influência do irmão Joaquim, o que corrobora ainda mais nossa posição quanto a uma primeira

escolarização que ambos tiveram.

Este esclarecimento acerca da formação de Joaquim Naegele como um todo, para além do campo estritamente musical, faz-se necessário por conta de sua ligação política com o Partido Comunista, mais especificamente, aos seus primeiros contatos com o Partido. Nosso informante durante a entrevista nos relatou que seu tio não tivera qualquer tipo de contato com as ideias comunistas até se mudar para Nova Friburgo, e que tão logo iniciara seu engajamento político, continuara sua militância até o fim da vida, não obstante as inúmeras prisões e perseguições que sofrera por conta disto.

A Nova Friburgo da década de 1920 já era uma cidade maior, mais diversificada e de certo modo cosmopolita, em relação à Cantagalo de Naegele, o que deve ter-lhe indicado um campo de várias possibilidades, tanto de experiências musicais quanto pessoais. O trem ainda circulava pelo município, que trazia o afluxo de turistas cariocas, não mais com a intensidade de fins do século XIX, mas ainda mantendo os resquícios da cidade turística a que tanta alusão faziam os periódicos locais.

O que mais dramaticamente modificara as feições do município foram as instalações das fábricas, iniciadas em 1911. O processo de criação de uma camada de

trabalhadores operários dessas fábricas começava a redesenhar as relações sociais existentes no município, explicitando mais claramente as divergências entre as elites proprietárias e a massa de trabalhadores (EMRICH, 2007). No ano de 1925 o Partido Comunista já procurava se organizar em Nova Friburgo, utilizando para seus encontros a sede da banda Campesina. Segundo Costa (1997), "o Partido Comunista vinha tentando se organizar na cidade desde 1925, através dos padeiros italianos Elpídio e Maradey, ligados a Otávio Brandão e Minervino de Oliveira, no Rio" (COSTA, 1997:73). Interessante notar como coincide a chegada de Naegele ao município e uma busca de maior organização por parte da militância comunista já existente no município.

A ligação entre a Campesina e alguns desses militantes que procuravam organizar o Partido no município não deixa dúvida quanto ao local de primeiro contato entre o maestro Naegele e as ideias comunistas, qual seja, a própria banda. A forma como Naegele absorvera essas ideias, no entanto, demonstram que ele tivera certa formação intelectual anterior, como já discutimos, e que acabou assumindo um papel relevante enquanto um dos intelectuais orgânicos do Partido no município.

Na obra de Marx, ele estabelece a existência de duas camadas da atuação humana, a

infraestrutura, ou seja, a posse e manejo dos meios de produção, e conseqüentemente o controle dos processos de relação entre empregador-empregado, divisão de bens de consumo etc., e a superestrutura, que abarcaria os outros aspectos, como o direito, a filosofia, a educação etc. Para Marx, a infraestrutura é que daria as diretrizes para a superestrutura, o que levou os primeiros estudos do marxismo a darem ênfase aos aspectos econômicos em detrimento dos que consideravam aspectos sociais e culturais.

Durante a década de 1920 e 1930, o filósofo italiano Antônio Gramsci atuara de modo diferente da corrente então dominante no marxismo, dando ênfase a superestrutura, construindo assim reflexões importantes quanto à construção de hegemonias, formação e atuação dos intelectuais entre outros pontos (COSTA, 2011). No âmbito do presente trabalho nos interessa especificamente o papel atribuído aos intelectuais pelo filósofo italiano, papel através do qual iremos delinear mais claramente a posição ocupada por Naegele.

Segundo Gramsci (1991), existe basicamente duas modalidades de intelectuais, os tradicionais e os orgânicos. Os tradicionais estariam mais ligados as camadas rurais e aos processos de continuidade histórica, tais como os funcionários de estado, professores, médicos,

padres, advogados etc., e os orgânicos seriam os criados pelos processos dinâmicos de constituição de novas classes na cadeia produtiva.

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (GRAMSCI, 1991:3).

Este processo seria contínuo, de modo que os intelectuais de tipo tradicional seriam os resquícios de uma formulação de intelectuais orgânicos de um período anterior, que convivem, ai já como intelectuais tradicionais, com as novas camadas de intelectuais formadas pelos anseios do novo grupo social que emerge. Mas então se cada grupo social constitui sua própria classe de intelectuais, poderíamos considerar também a atuação de Naegele como a de um intelectual orgânico advindo dos processos de constituição do Partido Comunista em Nova Friburgo e da própria Campesina enquanto sociedade musical mais ideologicamente alinhada? Se

“todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1991:7), o que depreendemos da atuação de Naegele é a de um homem que vai, a medida de seu maior envolvimento, assumindo a função de intelectual socialmente engajado.

Joaquim Naegele rapidamente se destacara na regência da banda Campesina. Apresentando bons concertos, fizera com que a Campesina aumentasse seu prestígio enquanto instituição musical, assim como se lançava cada vez mais como um profícuo compositor de obras para banda. Sendo a banda mais alinhada às camadas subalternas e populares, acabara por atrair as atenções de uma ala mais populista da política friburguense, que como demonstra Costa (1997), disputava com os liberais-conservadores, aliados aos industriais alemães e a ideia de se constituir um município eminentemente industrial, a hegemonia política no âmbito do município. Nos momentos em que os populistas galgavam o poder, a Campesina acabava conseguindo mais visibilidade e apoio por parte do poder público. Em consequência, seu maestro, a figura principal a frente da banda, alcançava maiores possibilidades de ser ouvido, para além de sua

atuação musical, também em sua atuação político-ideológica.

As elites municipais, divididas pelo embate de liberais-conservadores contra populistas-autoritários, acabavam necessitando cooptar sistematicamente o apoio das camadas populares, o que, em tais momentos, concedia um poder de barganha a essas camadas que o utilizavam no sentido de explicitar suas demandas e anseios, inclusive políticos, através do Partido Comunista ou de outros partidos que acolhiam os comunistas nos momentos em que o Partido era jogado para a ilegalidade (COSTA, 1997). Era por meio dessa intrincada trama de interesses que o maestro Naegele conseguia promover seus ideais pela sociedade friburguense, gozando por um lado do prestígio e visibilidade advindos de sua atuação na Campesina, e por outro pelo crescimento do movimento de esquerda no município, crescimento esse somente interrompido nos momentos de repressão perpetrados por Vargas, em 1930 e depois no Estado Novo. Aliás, "a visita de Getúlio Vargas a Nova Friburgo em novembro de 1932 (...) era uma prova do interesse político que a cidade despertava, em função da razoável concentração de operários" (COSTA, 1997:72). A proximidade com o Rio de Janeiro e o desenvolvimento industrial do município fazia de Nova Friburgo um alvo

constante de vigilância por parte dos aparelhos repressivos de Vargas, o que levava Naegele a ser preso algumas vezes, por conta de seu engajamento político.

O clube de futebol Esperança, como dissemos vinculado aos operários e subalternos do município, foi também palco de atuação de Naegele. Afeito às práticas esportivas, o maestro desempenhara várias funções dentro do clube ao longo dos anos, chegando a atuar como seu técnico e até como presidente. Emrich (2007) relata que depois de ser fechado, toda a documentação, atas e outros arquivos internos do Esperança se perderam, sendo as únicas fontes existentes para sua pesquisa, as encontradas em periódicos da época. Nesses periódicos, no entanto, é notável a associação que se pode estabelecer entre Esperança-Naegele-Campesina, sendo extremamente recorrentes as notícias nas quais estes elementos estavam vinculados. Como não era o foco de sua pesquisa, Emrich (2007) não buscou estabelecer ou analisar estas conexões de Naegele com o clube, mas elas são claramente evidentes. Não só em relação ao futebol e ao clube Esperança, também em outras modalidades esportivas Naegele aparece como figura central, inclusive como chefe de delegação em competições estaduais nas quais o município tomava parte. Apesar do incomodo que causava, por

seus ideais comunistas, nas elites municipais, Naegele despontava cada vez mais como homem público. Toda esta visibilidade, no entanto, não se convertera em real possibilidade de inserção política, já que mesmo sendo várias vezes candidato a vereador, Naegele nunca obtivera votação suficiente para alcançar o mandato.

A atuação em tantos campos na sociedade friburguense, nos vários locais onde os subalternos buscavam falar, caracteriza Naegele como o intelectual orgânico dos subalternos com maior visibilidade no município. Como demonstrou Gramsci (1991), é a partir da necessidade de uma classe ou de frações de classes que os intelectuais orgânicos são formados, e quanto mais atuantes e numerosos, melhor e mais rapidamente farão com que os intelectuais de tipo tradicional passem a gravitar em torno deles, e conseqüentemente dos interesses das classes que os formaram. A chegada de Naegele a cidade atendeu a uma demanda maior do que a de um simples maestro de uma banda de música, já que a crescente mobilização de esquerda carecia de um personagem de carisma, inteligência e formação educacional suficiente para representar como o homem de frente, os ideais do Partido Comunista. O fato de ter sido Naegele um desses intelectuais, e possivelmente o mais atuante

em diversas frentes, acabou por conectar, em prol das lutas da esquerda friburguense, a música – por meio da Campesina Friburguense –, o esporte – em geral e em maior destaque o futebol através do clube Esperança – e a política, todos os campos nos quais Naegele se debruçara, com mais sucesso em uns do que em outros, mas mesmo assim mantendo a firmeza das suas convicções e de seus esforços em, transmutando-se no porta-voz das diferentes categorias subalternas do município, fazer com que, ainda que o subalterno não possa falar, suas reivindicações sejam ouvidas, em gritos de alegria nas vitórias esportivas ou nas composições do maestro Joaquim Naegele.

### **Considerações finais**

A importância do maestro Joaquim Naegele para a Campesina Friburguense, e de maneira mais ampla para a música de banda no Brasil, como se atesta pelas recentes reedições de suas composições, feita pela Funarte para distribuição às bandas do país, é inegável. Sua atuação política e desportiva, no entanto, não alcançara o mesmo sucesso em relação a sua popularização e durabilidade. Resgatar a memória de Naegele enquanto um incansável lutador pelas causas de esquerda de seu tempo é não só importante, como também necessário, para se compreender os mecanismos

pelos quais os subalternos no município buscaram ter voz e se fazer escutar em suas reivindicações. Um intelectual orgânico, atuando nas margens da superestrutura – a música e o esporte – era o elemento ideal, já que não seria completamente rechaçado pelas elites locais, e poderia realizar uma lenta e gradual ocupação de espaços.

Compreender as origens históricas do município foi também importante, para se delimitar mais adequadamente os campos de luta encontrados por Naegele em sua trajetória. As rivalidades entre as bandas Campesina e Euterpe, para além do campo estritamente musical, eram o termômetro de outros embates que, velados ou não, se travavam no município. A crescente classe operária friburguense, assim como demais profissionais subalternos, muitos dos quais migrantes ou imigrantes, pressionavam cada vez mais as elites locais – sempre preocupadas em manter a visão de cidade ordeira e sem lutas ou divisões de classe – com suas demandas por melhores condições de vida e de trabalho. As concessões e espaços de sociabilidade conquistados pela luta dessas classes subalternas vigoraram enquanto redutos da “cultura popular”, cultura essa que teve na figura do maestro Naegele seu mais notório expoente.

## Referências

ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)*. 2003. 295f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói.

BOTELHO, Marcos. *A Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense – Um estudo histórico-social*. 2006. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. Os usos do “povo”. In: \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. Sobre o poder Simbólico. In: \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n.15, p.107-147, julho de 2001.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, p.179-192, 1995.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: \_\_\_\_\_. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*. Rio de Janeiro: Educam, 2008.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. *Visões do paraíso capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_. Gramsci e o conceito de hegemonia. *Cadernos do ICP*, n.1. Salvador: Quarteto; São Paulo: ICP, 2011.

EMRICH, Victor. *Trabalho, greves e futebol: luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911-1933)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso; revisão técnica: Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos

lugares. In: *Projeto História*, n.10. São Paulo: PUC/SP, 1993.

SPIVAK, Gaiatry Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

### Fontes Primárias

Periódicos: "O Friburguense"; "A Voz da Serra". Arquivo da Fundação Dom João VI – Pró-Memória de Nova Friburgo.

Arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional.